

“SANTO REIS MANDOU DIZER PRA VOCÊ ME PAGAR”: ESTUDO  
ANTROPOLÓGICO E AS RELAÇÕES DE “PAGAMENTO” NO REISADO<sup>1</sup>

Antonio Vagner Ribeiro Lima

UFPI / Piauí

Reisado; Pagamento; Negociação

### RESUMO

O artigo se propõe fazer uma abordagem antropológica ao versar sobre as relações de pagamento na *performance* do reisado. Por meio da etnografia empreendo de maneira reflexiva e dialógica uma discussão presente nas transformações vividas na atualidade da tradição popular do catolicismo rural, perscrutando à luz de autores como Geertz (1983), Woortmann (1990), Bitter (2008) e Peirano (2014) dentre outros a dialogar a partir dos significados e trocas, relações e representações sociais dos que fazem a festa do reisado. Neste sentido procuro entender como se dão as negociações de pagamento "do santo", dos brincadores, as tensões e ambigüidades presentes nos cantos, danças, brincadeiras, versos, cortejo, arrecadamentos de "donativos" para a festa, a reza, conflito e diversão na peregrinação em louvor a Santos Reis. Minha interpelação reflete sobre como se acomodam os fluxos do que se ganha e o que se gasta na brincadeira do reisado, as influências na performance do ritual, mediadas por outros "valores", quer sejam morais, religiosos, culturais e de consumo de massa em diálogo com a cosmologia da manifestação popular. É da observação participante e análise dos variados contextos por onde o reisado se faz significativo para as pessoas que participam das atividades do reisado de onde construímos compreensão de sentidos com abordagem antropológica.

Palavras-chave:

Reisado; Pagamento; Negociação

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa / PB.

## 1. Introdução

Procuro neste artigo empreender de maneira reflexiva e dialógica uma discussão narrativa em torno do tema reisado, onde estabeleço um ponto de vista interpretativo a partir de minha construção etnográfica<sup>2</sup>. “Santo Reis mandou dizer pra você me pagar” é expressão típica que o careta (personagem) do reisado usa ao finalizar uma seqüência de lorotas, concluindo com o lançar do lenço no ombro do Capitão ou da Iaiá. O lenço é lançado para que volte com algum dinheiro dentro, doado por quem o recebeu. É bom saber que às vezes ele pode voltar vazio, ou ainda: com as pontas amarradas em nós apertados, dificultando a vida dos caretas. Isso tudo faz parte da brincadeira.

O Reisado do Mutirão, objeto de minha pesquisa, está localizado na cidade de Demerval Lobão, a 30 km de Teresina (PI). Trata-se de uma tradição popular do catolicismo rural, com rituais profanos e religiosos que envolvem cantos, danças, brincadeiras, versos, cortejo, arrecadação de donativos, negociações de pagamento “do santo” e dos brincadores dentre outras atividades, tensões e ambigüidades, reza, conflitos e diversão na festa em louvor a Santos Reis.

O ritual da apresentação começa com a cantoria de chegada (Ô de casa, ô de fora...) onde são cantadas várias estrofes que narram a peregrinação do ritual de homenagem ao nascimento de Cristo, a visita dos Reis Magos e os elementos da própria cosmologia do festejo. A bandeira de Santos Reis fica estendida na porta da casa, que deve estar fechada, com luzes apagadas enquanto o canto segue acompanhado de sanfona, pandeiro e triângulo. Quando a porta se abre, os caretas comemoram com gritos e recitais de loas<sup>3</sup> e se apresentam (baião ou sapateado dos caretas) na tentativa de angariar algum pagamento. A performance tenta convencer o/a dono/a da casa a pagar certa quantia em dinheiro, permitindo assim a exibição dos outros personagens, na seqüência: Burrinha, Jaraguaia e Boi. Cada bicho (também chamado de Passarim ou Brinquedo) dança com uma música característica. A platéia reage de acordo com os movimentos de cada figura. Em geral a Burrinha dança calmamente, mas o Jaraguaia e o Boi usam de movimentos mais agressivos, correm e assustam os presentes, chegando a machucar um espectador desavisado, embora não seja esse o objetivo. Muitos gritos, agitação geral e criançada correndo soa como sonoplastia da brincadeira. Em algumas

---

<sup>2</sup> Pesquisa em andamento que deverá compor minha dissertação de mestrado em Antropologia da UFPI.

<sup>3</sup> Loas são versos rimados, em geral cômicos e recitados de forma impressionar os ouvintes.

raras ocasiões o boi é “morto”, repartido e dividido. Esta parte do ritual é mais detalhada, incluindo a “ressurreição” do boi e retomada da festa. Para que isso aconteça, além do preço (valor mais caro) há outros valores em jogo, notadamente de consideração moral e parentesco.

As “tiradas”<sup>4</sup> do reisado acontecem no ciclo natalino, compreendido entre 25 de dezembro a 06 de janeiro de cada ano. No ano de nossa pesquisa (2015/2016), a peregrinação começou em 24 de dezembro. Além da peregrinação de nove noites e encerramento no dia seis, há também a possibilidade de o grupo se apresentar fora desse período. Neste caso, fica claro que não se trata de pagamento de promessa e sim de “apresentação cultural”, onde o ritual não pode ser seguido por completo, caracterizando-se mais por fins educacionais, um processo de cativar nos jovens o conhecimento da tradição e festejar uma *performance* de entretenimento.

Entrando na festa, embrenhado no cerne da brincadeira, como fazem os miolos dos brinquedos Boi, Burrinha e Jaraguiaia, que ganham vida na *performance* do ritual, visto perceber o encadeamento das transformações sociais e simbólicas por que passam o Reisado do Mutirão, partindo do ponto de vista e significado dos que fazem a tradição. Entendo que as funções de cada pessoa e de cada personagem no reisado fazem parte de um conjunto de relações que deve ser mapeado e compreendido. Quais são os papéis e como são definidos? Que relações definem as funções e os papéis de cada um? Nada está isolado; há sempre uma relação que define uma situação.

## 2. “A esmola de Santo Reis / Os careta vêm buscar”:<sup>5</sup>

A categoria “pagamento” que trabalho neste ensaio contempla os múltiplos sentidos do termo na cosmologia do reisado, a saber: obrigação (pagamento da promessa) com o santo, remuneração dos contratos informais com os participantes, esmolas, trocas simbólicas de graças e favores nos rituais, a honra em cumprir o que se

---

<sup>4</sup> “Tirar reis” significa peregrinar em várias casas durante a noite, seja na zona rural (principalmente) ou em bairros populares de pequenas cidades brasileiras, cantando, “dançando” os bichos (brinquedos ou passarim), louvando em rezas, dizendo loas e arrecadando “esmolas” (em geral dinheiro) para a festa de Santos Reis no dia 6 de janeiro.

<sup>5</sup> “Esmola” é o donativo, em geral dinheiro, podendo em algumas situações ser alimentos para o dia da festa ou ainda objeto (jóia) para o leilão. Nota: Após a introdução, os subtítulos que compõem meu texto são expressões em versos da cantoria de chegada do reisado que se referem às relações com o pagamento - categoria foco de minha observação neste artigo.

prometeu. No dia 06 de janeiro a peregrinação de vários dias arrecadando “donativos” se transforma em festa de “retribuição” (MAUSS, 2003), com “distribuição” de comida às pessoas presentes, procissão, cantoria, brincadeira, reza, leilão e louvação na Festa de Reis, no bairro Mutirão, em Demerval Lobão (PI).

Dona Toinha e o marido Chico Pórva assumiram pagar a promessa do Reisado do Mutirão a partir de 1993. Durante muitos anos antes, o mesmo reisado foi tirado por José Bezerra Lima (Zé Balseiro) – pai de Odilho e Dona Toinha. Nessa mesma época, em Demerval Lobão, outros grupos de reisado peregrinavam também, dentre eles: o Bacatuba, Raimundo Crispiano e Raimundo Ribeiro. Este último faleceu e os filhos não aprenderam e não querem continuar com a “tradição”, “já venderam até os instrumentos, os bichos...”<sup>6</sup>; os outros dois estão vivos, Crispiano reduziu seu festejo, mas ainda tirou reis em 2016<sup>7</sup>; Bacatuba deixou de festejar seu reisado e não passou a “tradição” a nenhum seguidor. Neste caso, como afirma o senso comum, pode-se dizer que as tradições dos reisados estão “acabando”? O que é mesmo que “institui” uma tradição? Eric Hobsbawn (1984), sobre a instituição das tradições, nos lembra que “não interessa suas chances de sobrevivência, mas sim o modo como elas surgiram e se estabeleceram”. O autor afirma que muitas vezes, “tradições que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas” (HOBSBAWN, 1984, p. 9).

Minha análise procura pontuar um panorama básico para estudo antropológico a avaliar no grupo as situações de tensão, relações ambíguas e/ou dramáticas que sejam relevantes para os próprios participantes do fenômeno reisado e refletir como a ação do reisado conforma um fluxo. Quais os princípios de ordenamento dessas ações? Melhor ainda, quais são as percepções que os participantes têm dessas ações? Por isso me mantive atento à cosmologia do reisado, observando atentamente como se dão as explicações nativas sobre as crenças e ritos. Quais os vínculos do ritual com o cotidiano? Quero encontrar nesse cotidiano do reisado suportes teóricos que dêem conta da pesquisa com abordagem antropológica.

---

<sup>6</sup> Chikin, careta do reisado. O careta é um dos personagens mais atuantes na performance do reisado. Em geral é quem canta, sapateia, recita versos e também faz a animação na brincadeira. Conversa livre captada pelo autor em 05/01/2016. Demerval Lobão (PI).

<sup>7</sup> “Tirou, mas num prestou não porque disse que os trabalhador são fraco, só vivium bêbo...” (Dona Toinha, em conversa livre captada pelo autor em 13/01/2016, em Demerval Lobão (PI).

### 3. “Para o ano seja vivo / Venha pagar outra vez” (Percurso metodológico):

Embora eu faça uso da observação participante (MALINOWSKI, 1978) como meio de aprofundar minha etnografia, a “observação participante” que adoto na pesquisa considera a revisão proposta por Clifford Geertz (1983), que em *Do ponto de vista dos nativos* reflete sobre a diferença entre os tipos de categorias e a relação delas na etnografia e na escrita etnográfica. Para ele um conceito (categoria, idéia) é inseparável de uma experiência. Geertz entende que a diferença entre as categorias nativas e os conceitos teóricos é relativa: uma questão de proximidade ou distância relacionada a experiências sociais específicas. Desse modo ele organiza dois tipos de conceitos: (a) de “experiência próxima” – os sujeitos do reizado como meus informantes, como sentem e pensam o sentimento de obrigação, devoção e confraternização dos brincantes; e o (b) conceito de “experiência distante” – onde posso pensar na minha intervenção de pesquisador - conceitos como etnógrafo. A articulação de agência política é também entendida como conceito de experiência-distante. O estudo de Geertz (1983) lança luz em nossa observação, orientação e elaboração de conceitos:

Limitar-se a conceitos de experiência-próxima deixaria o etnógrafo afogado em miudezas e preso a um emaranhado vernacular. Limitar-se aos de experiência-distante, por outro lado, o deixaria perdido em abstrações e sufocado com jargões. A verdadeira questão – a que Malinowski levantou ao demonstrar que, no caso de “nativos”, não é necessário ser um deles para conhecer um – relaciona-se com os papéis que os dois tipos de conceitos desempenham na análise antropológica. Ou, mais exatamente, como devem estes ser empregados, em cada caso, para produzir uma interpretação do *modus vivendi* de um povo que não fique limitada pelos horizontes mentais daquele povo – uma etnografia sobre bruxaria escrita por uma bruxa – nem que fique sistematicamente surda às tonalidades de sua existência – uma etnografia sobre bruxaria escrita por um geômetra (GEERTZ, 1983, p. 88).

De acordo com Mariza Peirano (2014), o fazer etnográfico é perpassado o tempo todo pela teoria. A idéia do método etnográfico é complexa. A pesquisa de campo não tem momento certo para começar e acabar. No ciclo natalino 2015/2016 pude

acompanhar o reisado do mutirão por quase todas as noites nas peregrinações pela zona rural e urbana da cidade de Demerval Lobão (PI) <sup>8</sup>.

Em conversa com o sanfoneiro Chico Constâncio, concluí que já havia acompanhado um reisado tocado por ele há pelo menos treze anos antes. Gravando em *fita cassete* as músicas e os arranjos da sanfona, identifiquei ao ouvir em casa, que o sanfoneiro tinha uma “mania”: de ficar emitindo sons guturais independente da música que está a tocar, uma espécie de “gemido involuntário”... Pois bem, quando agora encontro mais diretamente Chico Constâncio no reisado do mutirão, qual não foi minha surpresa ao perceber que se tratava do mesmo sanfoneiro, identificado pelo diferencial dos sons guturais que o mesmo emite quando toca seu instrumento. O fato foi confirmado por ele. Narro essa lembrança para destacar que minha etnografia junto ao reisado do mutirão começou bem antes de eu imaginar que um dia faria estudos antropológicos.

Quero seguir a dica de Clifford Geertz (2009), para quem os bons textos de antropologia são simples e despretensiosos, “não convidam a uma minuciosa leitura lítero-crítica, nem tampouco a recompensam” (GEERTZ, 2009, p. 12).

Para registros etnográficos, além de levar minha cadernetinha para anotações no campo, faço uso de dispositivo de captação de áudio, o que me ajuda a descrever com mais precisão a fala de meus informantes, o conteúdo significado por eles para o reisado e para sentir os sons do ambiente em que estamos convivendo. Assim a descrição ganha mais dinâmica no acesso às lembranças que compõe a memória e as relações em campo.

Sigo as dicas de Peirano (2014), para quem as boas monografias continuam a nos inspirar porque não são retratos fiéis, mas formulações teórico-etnográficas. Monografias não são resultados simplesmente de “métodos etnográficos”. “Toda etnografia é também teoria” (PEIRANO, 2014, p. 383).

Analisando o cotidiano dos brincadores, penso sobre as tensões e sobre a visibilidade do reisado nas relações com os que fazem e vivem a brincadeira. Quais as questões que afloram como relevantes?

---

<sup>8</sup> De acordo com o censo do IBGE (2010), Demerval Lobão tem 13.278 habitantes e integra, com outros municípios, a “Grande Teresina” que tem cerca de 1.194.911 habitantes. Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br>, acessado em 03/01/2016.

Quando estamos tirando reis na cidade, Chikin analisa o melhor trajeto, no sentido de contemplar todos aqueles devotos que previamente já pediram para o reisado passar por suas casas. Na dúvida se tem alguém na casa, há sempre que possível, uma consulta informal com os presentes sobre cantar nesta ou naquela casa, o que acontece com certa flexibilidade. Decidida a casa em que se vai cantar a cantiga de chegada, Dona Toinha segura a bandeira do santo estendida na porta. Este é o levantar da batuta para começar a cantoria de chegada e louvação. A casa deve estar de porta fechada e de preferência com a luz apagada. É evidente que essa regra não é seguida de forma tão rígida atualmente. Presenciei uma tirada de reis em que cantamos no portão vazado da garagem de entrada de um condomínio fechado de casas. A cena é bem figurativa quando pensamos em transformações e adaptações por que passam os rituais tradicionais em diálogo e variantes relacionais com as condições contemporâneas.

Por onde o reisado passa? Quem participa do reisado e por quais motivos? Um ponto que me chamou bastante atenção quando percorri acompanhando o grupo por várias casas durante o novenário<sup>9</sup> de peregrinação foi o processo de negociação de valores: o preço, as trocas, que mesmo carregadas de relações simbólicas, não se esquivam das relações ditas financeiras, as ponderações econômicas nos contratos informais de pagamento. Ao observar as relações com o pagamento, donativos, esmolas, cachê dos tocadores, confecção dos brinquedos, vamos refletir sobre o quanto custa realizar a brincadeira de Reis e a influência que esse custo tem sobre o “pagamento” da promessa. Salientamos aqui que alguns reisados não são pagamento de promessa, mas a grande maioria o é. Questionamos, em ambos os casos, como se acomodam os sentidos de fé, obrigação e devoção. Onde cabe o pagamento? O que é “o do santo”?

Klaas Woortmann (1990), no seu artigo “*Com parente não se neguceia*”: *o campesinato como ordem moral*, ao situar a categoria sítio num complexo de sentidos e significados, aponta que em todos os sentidos, o termo remete ao parentesco. No Reisado do Mutirão, onde a relação de espaço e parentesco sapateia com vivacidade na realização da brincadeira, como se dão as relações de negócio com o dinheiro? Woortmann (1990) arremata que sítio e família são termos polissêmicos e paralelos, mas cuja polissemia “unifica” categorias de espaço e de parentesco (1990, p. 31). “O

---

<sup>9</sup> De acordo com Chico Sanfoneiro, a promessa do reisado pode ser paga por (a) festejo – que tira seis noites nas casas; ou por (b) novena – que peregrina em nove noites até encerrar no dia de santos reis, em seis de janeiro. Conversa livre captada pelo autor em 24/12/2016, em andança no povoado Chapadinha.

negócio é pensado como imoral pelo próprio negociante, pois também para ele, que é igualmente sitiante, só o ganho obtido pelo trabalho sobre a terra – *a terra de trabalho* – é moralmente legítimo” (WOORTMANN, 1990, p. 38). Questionamos como o Reisado do Mutirão lida com o negócio e o parentesco. Quem paga o quê? Em troca de quê?

Dona Toinha é a dona do reisado e não esconde seu esforço em negociar a esmola do santo com os devotos. Ela é responsável pelo pagamento dos brincadores, é quem porta a bandeira à frente do grupo e escolhe a casa que deve ser abordada para a cantoria. É ela quem conversa com o/a dono/a da casa sobre como será apresentado o ritual naquela casa: se completo, só os caretas, só os bichos, só “o do santo”, enfim. Dona Toinha decide com o /a dono/a da casa e diz o que o grupo deve cumprir no ritual, uma vez que é ela quem negocia e recebe o pagamento em dinheiro. Portanto é ela quem avalia a duração e diversidade do que será apresentado na ocasião. Observo aqui que o pagamento influencia diretamente na forma e duração da performance nas casas. Chikin<sup>10</sup> atua como careta e é filho de Dona Toinha. Brincador respeitado que exerce tranquila liderança. Ele decide com a mãe os caminhos que a peregrinação deve seguir.

Na hora de estender a bandeira na porta da casa, o santo deve ficar virado para dentro da casa, portanto de costas para quem está esperando junto com a cantoria. Isso se explica para que o/a dono/a da casa, ao abrir a porta, realize o “beija-santo”, que consiste em beijar a imagem, mas principalmente ofertar, numa simbologia de troca (MAUSS, 2003), a “esmola” para “o santo”. Neste momento a bandeira pode ser conduzida ao quarto do casal, oratório da casa ou outro lugar que o devoto julgar necessário.

#### **4. “Parente, quando a gente quer, aproxima...”**

Como é comum nesse tipo de manifestação popular no Brasil, o Reisado do Mutirão é formado por relação de parentesco e vizinhança. Ellen Woortmann (1994), no seu artigo *A Árvore da memória*, alerta-nos que para entender um sistema de parentesco e a relação entre ele a memória, “é preciso conhecer suas categorias culturais”. E cita

---

<sup>10</sup> Francisco Martinho de Sousa Filho é “Chikin”. Nos primeiros seis meses de contato eu escrevia seu nome “Chiquinho”, diminutivo lógico derivado de “Chico”, Francisco. Quando o vi vestido com sua camiseta de futebol que o identificava como “Chikin”, passei a grafar seu nome a partir daí também assim. Parece insignificante, mas não é. Isso concorre para a tentativa de leitura a partir de como meus informantes vêem e significam suas escolhas. Detalhes são peças proveitosas na análise das relações.



Madan (1982)<sup>11</sup> para dizer que a Antropologia é a compreensão nascida na tensão que resulta do encontro entre duas perspectivas: a visão “de dentro” (idéias, significados) com a visão “de fora” (comportamento, regras, regularidades). Chechéu é o careta mais novo e considera-se neto de dona Toinha, embora não seja de fato. Situação muito comum em grupos onde as relações são muitas vezes confundidas com relações biológicas. Vislumbramos junto ao Reisado do Mutirão, o que observou a autora sobre o parentesco construído por uma memória seletiva: o que deve ser retido e o que deve ser esquecido, a depender do valor que representa para os agentes a cada geração.

“A memória social do grupo constitui-se num potencial que, na medida em que é acionado, substancializa-se em “matéria-prima” com a qual são construídas e atualizadas as práticas de parentesco. Essas últimas, por sua vez, são as responsáveis pela seletividade da memória: o que dela será acionado, tendo em vista as circunstâncias”.

(WOORTMANN, 1994, p. 01)

Odilho é o careta mais velho, o que não impede de ser o mais animado, disposto, mesmo frente ao cansativo ritmo em que sapateiam os caretas. É irmão de Dona Toinha e brinca reisado desde os dez anos de idade. Foi ele quem ensinou o ritual do reisado ao sobrinho Chikin e a Chechéu<sup>12</sup>, com quem forma o trio de caretas do reisado do mutirão. Com 67 anos no ano de nossa pesquisa (2016), Odilho é reconhecido entre os brincadores e devotos como mestre, considerado, semelhante ao que observou Daniel Bitter (2008:37), “o papel mais elevado, pois é quem detém o conhecimento necessário para conduzir as ações do grupo”. Algumas partes do ritual, sobretudo aquelas que ocorrem com bem menos frequência, a morte e repartição do boi, por exemplo, só são realizadas por ele. Afirma que começou com seu pai, Zé Balseiro, que também foi careta, mas muita coisa aprendeu “sozinho, por ‘dote’ meu mesmo” ao observar outros grupos de reisado na sua época de infância. Do mestre é comum ouvir aquele comentário “antigamente era diferente...” “a gente cantava na saída e na chegada em casa”. Odilho faz sempre algumas ponderações nos comentários, mesmo que não seja insistente, pois concorda com certas adaptações, uma carona de carro, por exemplo,

---

<sup>11</sup> MADAN, T.N. 1982. The Ideology of the Householder among the Kashmir Pundits. In: OESTOR, A. et alli – Concept of the Person. Harvard University Press, Cambridge.

<sup>12</sup> Nos primeiros escritos sobre Chechéu eu grafava seu nome “Xexéu”- com “x”, mas quando vi em sua camiseta de futebol “Chechéu” – com “ch” preferi adotar a forma como ele usa ao se identificar.

alivia o cansaço, além de outros elementos logísticos que, de fato, facilitam mobilidade, preservação da voz e melhor aproveitamento do tempo que o grupo dispõe. No tocante ao horário de encerramento da peregrinação nas casas, outra adaptação que identifiquei: atualmente muitos brincadores do reisado precisam terminar mais cedo porque trabalham na manhã seguinte, tendo horário a cumprir. A maioria trabalha em Teresina.

Ainda de acordo com Peirano (2014), ao contrastar nossas concepções com outras, o contraste revela dimensões inesperadas. “A etnografia é parte do empreendimento teórico da antropologia” (2014, p. 385). “A boa etnografia transforma, de maneira feliz, para a linguagem escrita o que foi vivo e intenso na pesquisa de campo”, transformando experiência em texto. É preciso detectar a eficácia social das ações de forma analítica e “ultrapassar o senso comum quanto aos usos da linguagem” (PEIRANO, 2014, p. 386).

##### **5. “Senhora dona da casa / Da porta tira a bandeira”**

No Reisado do Mutirão, a bandeira também é o anteparo que reserva ao sigilo o “valor”, mediação complementar e ambígua do valor financeiro com os valores religiosos e morais; assim como dialogam em fronteiras tênues o sagrado e o profano, a obrigação e a devoção. Por trás do pano da bandeira o/a dono/a da casa negocia com Dona Toinha o pagamento “para o santo” e para a dança dos bichos, se for o caso. Simbolicamente também se negocia o que pode ser visto pelo espectador e o que não deve ser visto. O que pode e o que não pode ser mostrado no ritual? Qual o segredo do negócio?

Enquanto isso, os caretas esperam do lado de fora da casa. Dona Toinha entra para começar, sempre discretamente, a negociação do pagamento. A oferta é notadamente uma quantia em dinheiro, valor que fica a cargo do/a dono/a da casa, que geralmente gira em torno de 10 reais, podendo ser mais ou menos. Na cidade, de acordo com Dona Toinha (2016), “o santo” *recebe* bem menos: “é cinquenta centavos, um real”, comenta a pagadora da promessa do reisado com um ar de negação.

Quando a bandeira volta, é hora dos caretas cumprimentarem o/a dono/a da casa com o tradicional “boa-noite-iaia!”, “boa-noite-meu-capitão!”, que decidirá se tem alguma “esmola” para os caretas. A *performance* do careta vai fazer diferença na decisão do/a morador/a em pagar pela sua apresentação. É quando o careta precisa falar

em versos e de maneira criativa na hora de abordar o/a dono/a da casa. O que está em jogo aqui é a conquista, a forma de influenciar o/a morador/a na sua decisão em autorizar que os brincadores dancem o reisado na sua casa e também deposite algum pagamento no lenço de cada careta.

Cada careta diz suas lorotas, a começar pelo mais novo, em tentativa de ser bem acolhido o seu “jogar de lenço”<sup>13</sup>. Nessa hora há sempre muita expectativa para saber se os caretas sapateiam, se o/a dono/a da casa autoriza a dança, se os lenços foram devolvidos com dinheiro ou não, quanto será pago por cada modalidade da apresentação, enfim, Dona Toinha fica atenta a negociar essas decisões na hora.

“Beija devagar, Iaiá...”, o careta grita a dica no sentido de convencer a dona da casa a ser generosa e depositar com dedicação a contribuição para os caretas e o “do santo”. Neste momento há muitas intervenções, principalmente faladas de forma cômica pelos caretas, mas também pelas pessoas que acompanham de perto a cantoria, o que influencia na decisão do/a dono/a da casa em autorizar a dança.

Ao cantarem a cantiga de chegada, os caretas expõem várias estrofes de cosmologia da brincadeira em relação com ensinamentos tradicionais, geralmente adaptados das histórias bíblicas ou sabedoria das tradições populares:

“Quando Deus andou no mundo / Disse pra São Pedro assim  
Quem não quer pobre na porta / Também não quereis a mim”<sup>14</sup>

O fato de autorizar a dança completa coloca o/a dono/a da casa como pessoa de bem, que tem *coração* e expressa sua ajuda participando da brincadeira. Do contrário os comentários, mesmo aos sussurros, não poupam ninguém: “Aí são miseráveis...”<sup>15</sup>, diz um espectador referindo-se ao fato de uma casa não ter recebido o reisado. Na verdade ele falou isso antes mesmo que os cantadores encerrassem a cantoria de chegada, aquele

---

<sup>13</sup> Ao concluir sua apresentação verbal, o careta joga o lenço branco é colocado no ombro do/a morador/a. No lenço será dado um nó e devolvido em seguida com algum dinheiro ou não.

<sup>14</sup> Estrofe parte da cantiga de chegada / louvação do reisado mutirão. Áudio captado e transcrito pelo autor em 02/01/2016, em Demerval Lobão (PI).

<sup>15</sup> O comentário “aí é miseráveis...” se refere a uma casa isolada, na cidade de Demerval Lobão, notadamente “rica”, pela condição material expressada na fachada do muro e portão. O reisado bem que cantou lá, mas ninguém apareceu para abrir a porta. “Só pode ser o sono perpétuo...”, brincam os caretas quando isso acontece.

momento de expectativa que não se sabe se a porta irá se abrir ou não. De forma discreta, mas seguro de que eu como pesquisador pudesse ouvir o que ele queria dizer, o espectador procura me fazer entender alguns conflitos sociais ali presentes. O do momento, ratificado pela fala e gesto do rapaz, leva-nos a considerar certa dificuldade de alguns moradores que, por terem melhores condições financeiras, distintivo<sup>16</sup> expresso pelas fachadas dos portões e muros de suas residências, não se sentem partícipes da brincadeira do reisado, cortejo formado majoritariamente por pessoas de menor poder aquisitivo. Juntamos a isso a exceção, que confirma a regra: algumas pessoas, nas mesmas condições de melhor poder aquisitivo, têm satisfação em receber a folia de reis e até incentivam o grupo, servindo lanche<sup>17</sup> e acompanhando a andança de boa vontade a percorrer as ruas da cidade. Mas é na zona rural onde melhor frui a tradição do reisado: no “interior” (referência à zona rural) as casas estão mais dispostas a receber o grupo e contribuir generosamente com o pagamento da brincadeira; na cidade essas relações são minoradas. “Nem o do santo”<sup>18</sup>, “num tem nem medo de um castigo”, comenta uma senhora, em outro momento, referindo-se também ao fato de a porta não se abrir, mesmo tendo a certeza de que tinha alguém na casa. Esta senhora tinha acordado com a cantoria do reisado, já era tarde da noite, mas não só se levantou, acolheu e contribuiu como também quis percorrer algumas casas do seu bairro, seguindo o cortejo com o grupo, demonstrando certa satisfação de “pertencimento”.

#### 6. “Senhora dona da casa / Venha receber o Reis:

A negociação não é exata e os valores dependem do que o/a dono/a da casa autorizar para dançar. Se for (a) **Bota tudo e separado**: Dona Toinha pede 30 reais. Nesta modalidade cada bicho se apresenta em separado, cada um com sua música, na seqüência: Burrinha, Jaraguaia e encerra com o Boi. Depois há o sapateado dos caretas, os quais dançam separadamente e encerram a apresentação dançando juntos; no (b) **Tudo junto**: aqui os bichos dançam todos de uma vez, por um valor menor em dinheiro.

---

<sup>16</sup> Pensando aqui no conceito de Bourdieu (2015) para a distinção.

<sup>17</sup> Também a doação de cachaça. Sempre tem a cachaça: o que preocupa e incomoda dona Toinha.

<sup>18</sup> “Nem o do santo” é expressão reconhecida também fora do contexto do reisado. Significa o mínimo, o básico que se dispõe numa situação de escassez. E no caso específico da brincadeira do reisado é o mínimo que se pode contribuir. “Só a esmola do santo”: quando não se deseja que o reisado realize a dança com os bichos e caretas.

Os caretas também dançam juntos. O valor gira em torno de 20 reais por todos juntos, podendo haver negociações para baratear; no tipo (c) **Só os bichos**: não se tem as lorotas dos caretas e não há a jogada do lenço. Os caretas cantam as músicas da bicharada que se apresenta. O valor aqui gira em torno de 20 reais; na escolha (d) **Só os caretas**: cada careta se apresenta separadamente, seguindo a ordem do mais novo para o mais velho, contando suas lorotas, depois dançam juntos. Os valores podem ser pagos para cada um no lenço ou entrega-se uma quantidade para dividirem entre eles. O valor médio é 3 reais para cada careta; na modalidade (e) **Só o do santo**: é o pagamento (esmola) arrecadado para a/o dona/o da promessa usar na festa do dia 6 de janeiro. O dono/a da casa só abre um pouco a porta e entrega a “esmola”. Neste caso ninguém dança. Valor médio de 5 reais ou menos; existe ainda a possibilidade de (f) **Só um bicho** (Burrinha, Jaraguá, Boi): geralmente dança o boi. O valor (estimado) negociado é de 5 a 10 reais.

Os valores aqui estimados são muito variáveis, visto que em algumas situações “dança até de graça, se a gente quiser”, comenta Chikin, deixando a entender que o reisado “não é só por dinheiro”. No entanto há muita relação com pagamentos, o que na minha observação, influencia diretamente na realização da tradição, desde os elementos rituais, as cantigas, as danças, a reza, o leilão, as relações sociais e políticas até o encerramento do festejo do reisado como um todo. A seguir uma tabela preliminar de despesas com pessoal no reisado a partir da fala de Dona Toinha:<sup>19</sup>

<b>PESSOAL</b>	<b>VALOR (R\$)</b>
Sanfoneiro	400,00
Tringuista	150,00
Pandeirista	150,00
Careta Odilho	250,00
Careta Chikin	150,00
Careta Chechéu	150,00
Xavier (carro)	200,00
Ivan (leilão)	50,00

<sup>19</sup> Esboço provisório do que efetivamente Dona Toinha paga como contrato informal para os participantes do reisado. Nota: a tabela é preliminar porque nossa pesquisa está em andamento. Continuaremos na investigação desses resultados posteriormente.

Assador leilão	150,00
<b>TOTAL (R\$)</b>	1650,00

Dona Toinha comenta de forma imprecisa sobre os valores arrecadados, mas sempre coloca a dificuldade com as despesas. Afirma que os brincadores dos bichos são os que mais ganham: média final de 600 reais cada um, segundo ela. O “santo” é o que menos recebe, “se recebeu 500 reais foi muito”, argumenta. Percebo, numa linha de raciocínio própria do campesinato, traduzida por Klaas Woortmann (1990) como ética camponesa ou ordem moral, que o dinheiro “do santo” é usado exclusivamente para comprar o que for possível e necessário ao dia da festa. Dona Toinha ainda fala dos gastos com a comida que é distribuída: os dois porcos, a grande quantidade de arroz, etc. e predomina um discurso de dificuldade pela falta de ajuda do poder público e por aí vai. Interessante imaginar como uma manifestação profano-religiosa de “pagamento” de promessa, compromisso com o santo, reza e devoção espiritual, onde grosso modo há uma rede de relações de solidariedade e gratuidade, tudo tenha que passar por marcador forte de preço, de valor financeiro como condição para ser realizado. Como relacionar isso com moralidade e a constituição das relações? “Tudo é pago”, desabafa Dona Toinha. Ela se refere ao gritador do leilão, o transporte do grupo, o Chechéu que assou os assados para o leilão, o sanfoneiro, cantadores, cada brincador, enfim. Percebi que o leilão de encerramento arrecadou exatos 1.340,00 reais. Somado com o que recebeu o “santo” (que Dona Toinha não tem a quantia exata) e outras doações voluntárias, não é minha intenção aqui fazer contabilidade formal da festa, não tenho competência para isso e nem é meu foco como pesquisador, mas me interessa refletir sobre como se acomodam esses fluxos do que se ganha e o que se gasta no reisado, mediado por outros “valores”, quer sejam morais, religiosos, culturais em diálogo com a cosmologia da tradição, dando assim densidade à nossa reflexão com abordagem antropológica.

Como se dão as relações com o pagamento em outras manifestações culturais próximas ao universo do reisado? Na Cantoria de Repente, a partir da década de 1970, segundo Sautchuk (2016), houve mudanças não só estéticas, mas do ofício da cantoria. “Os relatos desde o século XIX é que o cantador sempre foi retribuído com dinheiro. E nos anos 1970 se começa a querer pensar melhor essa relação entre o dinheiro e o

trabalho – que é fazer versos”<sup>20</sup>. É atribuído ao violeiro pernambucano Ivanildo Vilanova, apoiado pela grande quantidade de violeiros atuantes no Brasil, a inovação de diminuir o tempo da cantoria: de uma noite inteira para o máximo de 4 horas, estabelecimento de cachê e considerações que permitem hoje melhores condições aos cantadores, sem perder a “possível” convivência da cantoria de bandeja (tradição) com a cantoria de cachê (forma moderna de pagamento).

#### 7. “Dá licença, santidade / Que eu já vou me arretirar”:

Quando questiono se *deu* para pagar as despesas, Dona Toinha diz “é, deu só a conta, num sobrou nada, e ainda tem gente que fica falando... ‘ora o prefeito tava aí, o reisado é um mêi de vida’...” Dona Toinha demonstra certa irritação com os comentários que supostamente ouviu e até chega a dizer que não quer mais continuar a promessa, “quero mais tirar reis não...”, no entanto ela sabe que não é bem assim. Há uma extensão sócio-cultural que projeta o reisado para além da promessa herdada pela tradição. Podemos comparar o papel de Dona Toinha à “figura social construída” de Raimundo Milu, dono do Reisado do Cipó, registrado por Luciano Melo Sousa (2013). No seu artigo *O Reisado do Cipó: resistência de uma sociabilidade tradicional* Luciano Melo ressalta a referência de mestres das expressões populares, de onde decorrem caracterizações diretas dessas pessoas: os favores, as ações de solidariedade, as realizações do reisado e de outras festas e o respeito da comunidade.

“As festas de Reis ainda hoje permanecem graças às relações de parentesco, amizade e liderança comunitária compartilhadas por aquelas pessoas e suas famílias. O reisado do Cipó resiste, pois ainda mantém-se firme numa sociabilidade comunitária que o sustenta” (SOUSA, 2013, p. 90).

Com o Reisado do Mutirão dá-se de forma análoga: a brincadeira faz parte de “um mundo antigo que resiste por meio de redes sociais de solidariedade (família, compadrio e amizade), a vida religiosa dos festejos, leilões e novenas, as memórias de vida daquelas pessoas (...)”. O Reisado do Mutirão, resistência na cidade como manifestação cultural de pauta rural expressiva, dialoga “permanência” com novas

---

<sup>20</sup> SAUTCHUK, João Miguel. Entrevista para TV Senado. Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=f9AM11Vez2o>. Acesso em 04/05/2016.

práticas sociais: monetarização das relações, o transporte de motocicleta ou carro, a extensão da escolaridade, mudanças nos trajes e modos de entretenimento, a presença da TV, a individualidade, expansão das políticas públicas [ou mesmo a ausência delas]. Conforme afirma Sousa (2013)

“o novo é protagonizado pelas pressões da modernidade que, paulatinamente, passam a fazer parte do cotidiano das comunidades rurais piauienses”. (SOUSA, 2013, p. 74).

E Dona Toinha, com sua larga rede de relações sociais, assim como os filhos, tanto os biológicos como os agregados por vizinhança e parentesco, vivem a brincadeira de maneira muito atuante e significativa. São várias redes (para além das de “tira de pano” que Dona Toinha tece e vende por 25 reais) sociais, disputas, interesses, valores e ações que estão em jogo.

## REFERÊNCIAS

- BITTER, Daniel. Introdução. **A bandeira e a máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas folias de reis**. Rio de Janeiro: UFRJ, IFCS, 2008, pp. 9-22.
- BOURDIEU, Pierre. Gostos de classes e estilo de vida. In: **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk Editora, 2015, pp. 240-279.
- GEERTZ, Clifford. Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita. In: **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009, pp. 11-39.
- \_\_\_\_\_. “Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico. In: **O saber local**. Petrópolis: Editora Vozes, 1983, pp. 85-107.
- HOBBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). Introdução. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, pp. 9-13.
- LIMA, Antonio Vagner Ribeiro. Caderno de anotações. Conversas livres e entrevistas semiestruturadas com informantes do Reisado do Mutirão. Áudios captados e transcritos. Demerval Lobão: Ciclo natalino 2015/2016.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Nayfy, 2003, pp. 183-293.



PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**. [online]. Porto Alegre, vol.20, n.42, pp. 277-391, jul./dez. 2014.

WOORTMANN, Ellen F. A Árvore da memória. **Série Antropológica/159**. Brasília: Editora da UnB / Tempo Brasileiro, 1994, pp. 01-13.

WOORTMANN, Klaas. “Com parente não se neguceia”: o campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico/87**. Brasília: Editora da UnB / Tempo Brasileiro, 1990, pp. 11-73.

SOUSA, Luciano de Melo. **O reisado do Cipó**: resistência de uma sociabilidade tradicional. Composição: Revista de Ciências Sociais da UFNS, v. 12, p. 73 – 91. 2013.